

O Homem, deidade e Deus no pensamento de Xavier Zubiri: uma reflexão inicial¹

Antonio Vidal Nunes*

Vitória (ES), vol. 2, n. 2
Dezembro 2013

SOFIA
Versão eletrônica

¹ Trabalho apresentado no V Congresso Brasileiro de Filosofia da Religião, promovido pela ABFR, em outubro de 2013 na cidade de Vitória-ES. Brasil.

* UFES/avidaln@uol.com.br

Resumo: Com base na tradição filosófica recebida, no que diz respeito a compreensão de Deus, Xavier Zubiri inaugura um caminho novo de conceber a relação entre o homem e Deus. Para ele, o homem, na sua relação com o poder do real, ou deidade, que é ultimidade, possibilidade e impelência, ao qual está intrinsecamente religado, encontra as condições necessárias para realizar o seu ser. A religação é um fato do qual o homem parte na busca do fundamento que lhe serve de apoio. Assim, o homem, vai estabelecendo e experienciando as ideias de Deus, no próprio movimento que faz enquanto pessoa. Essa busca culmina em sua entrega total a uma realidade suprema a que adora, eleva suas súplicas e se refugia. Essa entrega do homem faz parte do âmbito da própria fé.

Palavras-chave: Realidade, poder do real, homem, Deus.

Abstract: Based on the received philosophical tradition, as regards the understanding of God, Xavier Zubiri inaugurates a new way of conceiving the relationship between man and God. For him, the man, in his relationship with the real power or deity, which is ultimacy and impelência possibility, which is intrinsically rewired, finds necessary to carry out their being conditions. Reconnection is a fact that the man in the quest of the foundation that supports it. Thus man, will establish and experiencing the ideas of God, the movement itself as a person who does. This search culminated in his surrender to a love supreme reality that elevates their supplications and retreats. This man delivery is outside the scope of their faith.

Key words: Reality, the real power, man, God.

Introdução

É lugar comum entre os estudiosos de Xavier Zubiri a indicação da centralidade do conceito de homem, Deus e realidade em seu pensamento, temas abordados com base em uma interlocução permanente com a tradição filosófica. Essa interlocução é submetida a uma avaliação crítica nas mais diversas respostas dadas aos assuntos que ele privilegiou em sua investigação filosófica. Tudo isso na tentativa de responder aos desafios colocados em seu contexto histórico e intelectual. As insuficiências explicativas encontradas pelo filósofo espanhol nos mais variados modelos explicativos de natureza filosófica, o impulsiona de forma apaixonada na busca de novas referências que pudessem trazer atualizações aos temas para ele vitais, adequadas ao seu tempo e à sua cultura.

Enquanto Gastón Bachelard buscava uma filosofia a altura da nova ciência, Xavier Zubiri se empenhava em uma compreensão do homem, da realidade e da religião no interior da linguagem filosófica que pudesse superar as várias alternativas no cenário filosófico. Estabeleceu um novo horizonte de compreensibilidade do fenômeno religioso, no qual o legado herdado sofre uma ação crítica ao cabo da qual delineia uma nova orientação. Sua perspectiva não desconsidera o esforço de seus predecessores, mas de forma consistente e rigorosa, inaugura uma variação nova e original na compreensão do homem e no tratamento do problema de Deus, desde suas heranças fenomenológicas.

Para que possamos levar a termo nossos propósitos percorreremos as seguintes etapas. Em um primeiro momento nos deteremos em uma análise da realidade humana. O homem enquanto animal de realidade se apresenta como uma essência aberta, com a tarefa “fazer a si mesmo”, mediante uma experimentação de si e do mundo que envolve inteligência, sentimento e vontade. Contudo, o impulso que o leva na realização de si mesmo vincula-se ao poder do real, ao qual ele está religado. Ele depende deste poder, ou deidade, que é ultimidade, possibilidade e impelência, para ser o que deve ser. Em sua inteligência o homem chega a Deus, como fundamento deste poder². Assim, Deus não se apresenta como um objeto qualquer ou

² “Poder não é força. Em alemão tem por sorte duas palavras: a palavra *Kraft* ou *Ursache* (força ou causa) e a palavra *Macht*, o poder. Era mister reivindicar na metafísica o lugar que tem o poder no sistema de conceituação da realidade [...] Será possível que o poder coincida em seu âmbito com a

como uma entidade desvinculada do mundo, mas como uma realidade fundamento que se encontra nas coisas reais, sem se reduzir a nenhuma delas. Assim pretendemos mostrar, como nessa marcha para o fundamento o homem descobre, experimenta e se entrega a Deus, ao mesmo tempo que cria sua realidade humana. Essa reflexão é parte dos estudos iniciais que comecei a realizar sobre o autor, assim sendo, assumo as deficiências do trabalho, sobretudo, as possíveis imprecisões conceituais.

A realidade humana

Nos inserimos em um universo constituído de coisas reais da qual também fazemos parte de forma intrínseca. Com isso queremos dizer que existe as coisas e nós estamos junto com elas como parte da realidade. O homem está implantado na realidade, cada coisa, como nos diz Zubiri (1984), é constituída de notas, ou para simplificar, de propriedades³, termo que o autor evita usar devido a problemas semânticos. As coisas são compostas por um sistema de notas. Falar em sistema implica muito mais do que uma simples relação de notas, mas uma situação de respectividade. Uma nota é sempre nota - de, sempre vertida para as demais. Poderíamos falar de uma solidariedade entre elas, ou de uma unidade entre as notas, que faz da coisa uma substantividade⁴. Essas notas articuladas em um sistema constitui as coisas. Cada uma delas tem um papel muito bem definido, tal como ocorre com o sistema de engrenagem de um relógio.

Ao mesmo tempo as notas pertencem às coisas e também indicam ou notificam o que elas poderão ser. Assim elas têm um dupla função que talvez o termo propriedade, no entender do nosso autor, não deixaria claro. As notas, a um só tempo, dão consistência à coisa e indicam uma outra coisa que se encontra para além dela, mas não separada da mesma. Algo é o conteúdo das notas presentes na coisa, que lhe dá existência, mas é preciso entender que cada coisa é mais do que seu conteúdo propriamente. Alerta também Zubiri para não se confundir existência com realidade, mas sim como formalidade mediante a qual algo é apreendido como de suyo. Aqui ele distingue o que é conteúdo do real (que se aproximaria dos acidentes na concepção aristotélica) e aquilo de formal que ele denomina de suyo, que é apreendido de forma senciente⁵,

causalidade, porém esta coincidência não significa uma identidade formal. Muito menos, se da realidade material sairmos para a realidade do espírito. No espírito tem muitos poderes que não se podem reduzir pura e simplesmente às causas que a metafísica grega vem numerando. É um autentico Macht, um poder' (ZUBIRI, 1993, p. 42).

³ Zubiri justifica a razão pela qual evita o termo propriedade, que poderá ficar mais clara ao leitor no desenvolvimento da reflexão. "No organismo não tem mais uma substantividade própria, própria do organismo como sistema. E todas as suas substâncias, por exemplo a glicose, tem em si e por si mesmas o que se tem chamado a sua própria substancialidade. Sem dúvida, esta mesma glicose ingerida em meu organismo tem conservado sua substancialidade (prescindindo das transformações metabólicas), porém perdeu sua substantividade para converter-se em mera 'nota de' meu sistema orgânico. É uma substância insubstantiva. Precisamente por isso não chamo as notas de 'propriedades', mas sim 'notas'. Não são propriedades inerentes a um sujeito, mas sim notas coerentes entre si na unidade do sistema" (ZUBIRI, 1984, p. 21).

⁴ "A unidade constitucional é, pois, uma unidade primária cujas distintas notas não são senão momentos concatenados, posicionamentos interdependentes em forma clausurada; é uma unidade de sistema. Pois bem; este caráter constitucional é justamente o que chamamos 'substantividade'. O que a constituição constitui é uma realidade substantiva [...] a coisa enquanto substantiva é o sistema mesmo; não é 'outra coisa' oculta atrás dela" (ZUBIRI, 2008, p.146-147).

⁵ Zubiri emprega o termo sentiente, mas preferimos usar aqui o vocábulo assumido na tradução da edição brasileira de Inteligência sentiente, aceitando a justificativa do tradutor, realizadas em suas notas prévias. "Quanto ao zubiriano sentiente, preferimos traduzi-lo por 'senciente' (do lat. Sentiens, entis, part.pres. de sentire) porque além de dicionarizado, o termo já tem amplo curso entre os estudiosos brasileiros de Zubiri. Deve se consignar, todavia, que não se trata de uma opção unânime entre os zubirianos lusófonos: há os que preferem 'sentiente', adjetivo formado segundo o paradigma regular de 'consentir > consentiente', 'ouvir > ouvinte' e pedir > pedinte" (ZUBIRI, 2011).

como base na atuação que cada coisa tem em relação com as outras e consigo mesmo de acordo com as notas que possui, e que podem ser distintas em suas constituições, mas que aqui não discutiremos. Cada coisa real encontra-se então aberta às outras, é o que Zubiri chama abertura do real, que deve ser entendido como algo físico, e não meramente conceitual. A realidade envolve esta abertura de cada coisa real.

No caso da substantividade humana vamos encontrar várias notas, articuladas a três grupos distintos, mas não separados. Uma delas define o homem como um ser vivente, possuidor de vida. Um vivente apresenta comportamento bem distinto, por exemplo, de uma pedra. Ele mantém uma certa autonomia em relação ao meio que vive, ao mesmo tempo exerce o seu controle, enquanto vive em si e para si. É, no entender de Zubiri, autós. Toda sua atividade vital ocorre no sentido de autopossuir-se (ZUBIRI, 1984, p. 31).

Mas é preciso ressaltar que nesse universo mais amplo da vida, o homem é um animal, ao lado de outros, e enquanto tal, uma das coisas que o marca é a sua capacidade de sentir. O homem desenvolveu uma função mediante a qual ele sente. E se isso acontece é em função do fato de ter impressão, e ela implica dois momentos inseparáveis, o da afecção de um conteúdo determinado, que por sua vez apresenta-se sempre como alteridade. Aqui surgirá uma bifurcação entre o homem e os demais animais quanto a alteridade. No segundo, a alteridade se restringe à formalidade de estimulidade, não se constituindo algo real como se sucederá no caso do homem. Na apreensão o homem, mediante o ato de intelecção, apreende algo como real, ou seja, como de suyo. Aqui surge uma distância infinita entre o homem e os demais animais. Na apreensão, que implica sempre um ato de sentir, o homem, em função da ação intelectual, apreende algo em sua alteridade, como de suyo, em uma ação unitária onde o sentir e o inteligir encontra-se intimamente vinculados. É por isso que podemos falar, segundo nosso autor, de uma inteligência senciente. Rebaterá ele o postulado, muito presente na história da filosofia, de que o sentir e o inteligir são duas atividades separadas, cada uma pertencendo a uma faculdade distinta, a do sentir e a do inteligir, com a postulação que a ação da segunda é prolongamento do trabalho desenvolvido pela primeira. Para ele, na apreensão primordial que podemos fazer do real elas estão unidas, posteriormente a inteligência em seus vários momentos pode distanciar desse momento primordial, mas sempre impulsionado por ele, na busca de atualizar aquilo que foi apreendido como de suyo (ZUBIRI, 1984, p. 39). Há um sentir que entende e um inteligir que sente, assim julga garantir a unidade entre inteligência e realidade (GARCÍA, 2006, p. 65). O viver, sentir e inteligir faz parte da substantividade do homem.

A substantividade humana e os subsistemas

Dando um passo a frente em nossa reflexão, Zubiri nos assevera que a substantividade humana é formada de dois subsistemas, aos quais denominou corpo e psique. O primeiro é formado por notas físico-químicas. Em decorrência da posição e da relação solidária de cada nota nesse sistema, temos a formação de um organismo. Dessa forma se constitui o corpo como parte do cosmo e do mundo, enquanto atualidade do homem presente no universo na forma de “matéria corpórea”⁶.

Mas temos ainda o outro subsistema que é a psique, que é distinto do corpo, porém seria um erro situá-lo fora daquela totalidade que constitui a substantividade humana, pois ela implica a unidade estrutural entre o orgânico e psíquico. O organismo é sempre organismo-de, assim como, o psíquico é sempre psíquico-de. Ambos não podem ser entendidos senão a partir de uma recíproca codeterminação no qual participa todas as notas dos dois subsistemas em seu conjunto. É a partir desse horizonte que deve ser entendida toda ação humana, ainda que possa preponderar aspectos de um dos sistemas nos atos, a unidade permanece nos termos asseverado por Zubiri, “todo organismo é psíquico, e todo psíquico é orgânico. Porque todo psiquismo transcorre organicamente, e todo o orgânico transcorre psiquicamente” (ZUBIRI, 1984, p. 43).

⁶ ZUBIRI, 1984, p. 40

Dizíamos antes que o viver e o sentir é uma experiência própria do reino animal, do qual faz parte o homem. O sentir, por sua vez, sempre implica o momento no qual sou afetado por um estímulo, o que leva a uma alteração vital tônica, e em consequência uma resposta. Enquanto nos demais animais essa ação para no estímulo, e a resposta é sempre a mesma, no homem o estímulo se prolonga em apreensão do real⁷. Para além do ato do sentir, algo se apresenta na intelecção com o real, de suyo. Abre-se então para o homem uma infinidade de possibilidades de respostas. Nele já não existe o puro sentir, mas surge o sentimento que é sempre alterado na apreensão da realidade. Aqui entra outro elemento fundamental na experiência humana que é a volição. O homem responde ao real, através de escolhas que faz no processo mesmo, em que se começa a fazer-se humano, o que implica sempre, “apreensão do real, sentimento do real, e volição do real” (ZUBIRI, 1984, p. 45). O homem é um animal, dado a notas que o constitui e que lhe permite um enfretamento com a realidade que tem como ponto de partida a intelecção senciente.

Modo da realidade humana

O fato de ser o homem um animal de realidade, significa dizer que ele continua animal pelas suas notas, mas ao mesmo tempo, em função de não mais ter os estímulos como simples signos, como ocorre com os demais animais, por força da inteligência torna-se um animal de realidade. O fato de inteligir a realidade, permitirá o homem desdobramentos que o levará a uma diferenciação dos demais de sua linhagem animal, mas sem que ele deixe de ser animal. Com a instauração da realidade ele apenas não será de suyo, mas será seu. O que equivale dizer que ele é possuidor de sua própria realidade, algo apenas possível ao homem. É sua forma própria de ser realidade, e realidade humana. Sendo seu, ele é nas palavras de Zubiri, *suidad*. É precisamente por ser seu que ele, na constelação simbólica tecida pelo pensador espanhol é *persona*⁸, *personidade* é a marca que caracteriza o homem. Com base nela temos a personalidade, que “é o resultado histórico da forma como esse homem de forma concreta vai se possuindo através das ações que realiza em sua vida” (FONT, 2004, p.47). Ou ainda, nas palavras do próprio Zubiri “é a figura segundo a qual a forma de realidade se vai modelando em seus atos e enquanto se vai modelando neles” (ZUBIRI, 1984, p. 49). Assim poderíamos dizer que a personalidade se constitui assentada em algo de *perene* na vida do homem. A personalidade pode mudar, mas essa base constitutiva do homem não.

O fazer-se do homem se dá na realidade, frente a tudo o que existe. Por um lado ele experimenta este ser seu, esta autopossessão, que o coloca de forma absoluta em relação às demais coisas do seu meio, que se encontram em relação a ele de forma solta e independente. Assim, o homem na sua maneira de ser apresenta-se como um modo de realidade absoluto. Por outro lado, o que é absoluto não escapa ao relativo, pois a realidade humana, enquanto implantada na realidade, encontra-se em processo de aquisição permanente daquilo que é. Cada ação, decisão, escolha, iniciativa do homem, por simples que seja, joga um papel decisivo na construção de sua realidade. O homem não é um ser pronto de forma definitiva, nem a realidade apresenta-se de forma estática de tal maneira que ele possa controlar e dominar todas as situações em que se encontra. Daí o fato do homem ser ontologicamente assaltado pela inquietude que lhe é intrínseca. E isso terá consequências para sua vida e para o tema que estamos tratando.

O ser do homem

A palavra ser ocupa um lugar de proeminência na história da filosofia, ainda que possa sofrer alterações em seu conteúdo semântico. Nos interessa aqui explicitar que sentido Zubiri dá ao termo em sua filosofia. Segundo ele, o ser é atualização do real no mundo, o que pressupõe a realidade na anterioridade. Realidade e ser, embora distintos, encontram-se em unidade, a

⁷ Todo esse processo é analisado de forma pormenorizada no primeiro volume da trilogia *Inteligência Senciente*, intitulado *Inteligência e Realidade*, traduzido no Brasil pela editora É atualização.

⁸ Dira Zubiri: “A este caráter de pertencer a si mesmo como realidade, enquanto realidade, é justamente o que se chama de *persona*” (ZUBIRI, 1993, p. 31).

primeira fundamenta a segunda. Enquanto vinculado à realidade o ser está sempre sendo, é a realidade sendo em suas múltiplas possibilidades. Em se tratando do homem concretamente, as atualizações ocorrem mediante ao seu Eu.

Para o pensador em estudo o Eu é o ser⁹ do homem, e nele ocorrem as atualizações da pessoa humana desde o momento de sua constituição até outros posteriores, resultantes de maior riqueza na sua interação com o mundo. Ninguém nasce com um Eu pronto, ele se constitui com o tempo a partir de um processo no qual vai percebendo a si, o outro, o outro enquanto outro e o mundo. Vejamos como, para Zubiri, se inicia o ser do homem, o eu em seus momentos. Primeiramente o homem se expressa através do me. O eu ainda não se percebe em sua singularidade e nem apreende o outro em sua alteridade. É a maneira primordial de se exprimir, a qual o homem nunca abandonará: Me encontro aqui, me encontro mal, me encontro feliz, me encontro no mundo. Após esse momento, encontramos o “meu”, expressando algo de interior, ou na expressão de Zubiri “foro interno”. Isso acontece a partir de um maior enriquecimento da minha realidade substantiva pessoal. Meu pé, meu céu, minha casa, minha aldeia. Por este momento de atualização sou “meu” em relação a todos os demais. Sem o primeiro não teria o segundo. Mas com o segundo termo vem a terceira atualização, agora sou eu que tem o céu, a casa, o lugar. Esse momento representa a “máxima maneira de determinar mundanamente meu ser relativamente absoluto” (ZUBIRI, 1984, p. 57). Dessa forma “o eu pressupõe o me e o leva como ingrediente seu. O meu pressupõe o me e o leva como ingrediente seu. De certo modo, eu estou sendo como meu” (ZUBIRI, 2007, p. 125).

O Ser, o Eu, não são possuidores de substantividade própria como foi postulado pelo idealismo que mereceu duras críticas de Zubiri. Primeiro vem a realidade, no caso do homem, a realidade humana, que permite a personidade enquanto abertura que coloca o Eu em movimento de constituição e de atualização a partir das dimensões individuais, sociais e históricas, tal como conceitua o pensador basco. Mas qual será a vinculação do ser e da realidade?

Essa relação leva Zubiri a uma descrição do homem como parte de uma espécie. Certamente sua concepção distancia-se daquela proposta por Aristóteles, que vê no termo uma unidade de uma pluralidade existente. Para nosso autor o termo exprime muito mais do que isso, ele transcende o horizonte de uma visão meramente naturalista. No seu entender, espécie não apenas unifica mais pluraliza (p. 60). Trata-se do momento genético que de alguma maneira será responsável posteriormente pela realização do ser persona em seus vários aspectos e na determinação do Eu. Em todos aos animais há um esquema de reduplicação constitutiva que vai gerar a formação de um phylum. Como entender cada espécie senão participando de um phylum?

Em decorrência do código genético é possível a criação de uma réplica, que embora pertença ao mesmo phylum trata-se de uma outra pessoa sempre vertida para as outras pessoas humanas em função da estrutura própria e constitutiva do ser humano, o que gera uma refluência, uns afetam os outros. Cada pessoa é de suyo, mas é por sua vez codeterminada por outras pessoas, como parte das dimensões anteriormente citadas: individual, social e histórica.

Em se tratando da primeira, como atesta Zubiri, a diversidade faz parte do phylum, porém sem escapar à espécie. Cada homem é diverso do outro enquanto animal de realidade, possuidor de sua singularidade própria, ainda que pertença a uma mesma espécie. Cada um não apenas é diferente, mas diverso desde um mesmo phylum. Um gato é diferente de um homem, porém não podemos dizer que é diverso, pois são partícipes do mesmo phylum, só podemos falar de diversidade dentro de uma mesma espécie na qual cada homem é realidade única em decorrência da sua suidade. Por isso cada Eu, sob certo aspecto, se realiza como um “ser-cada-qual” tendo em conta sua relação com as outras pessoas. A dimensão individual diz respeito à diversidade no interior do phylum, contudo o esquema filético é definidor do fato de cada homem estar vertido ao outro, é o que veremos.

⁹ Em relação ao Eu e a ao *ser* nos afirmará Zubiri: “ Quando digo ‘Eu’ não enuncio simplesmente minha realidade substantiva, mas sim que minha realidade substantiva se reatualiza de certo modo neste ato que é Eu. Essa reafirmação de minha própria realidade substantiva é aquilo em que consiste o Eu. O Eu não é a realidade substantiva do homem, porém é aquele ato ulterior em que esta realidade substantiva se reafirma e constitui o que chamamos *ser*. O Eu não é minha realidade substantiva, mas meu ser substantivo ” (ZUBIRI, 1993, p. 33).

Quanto a dimensão social, cada homem em sua realidade está vertido de forma intrínseca aos demais da mesma espécie em decorrência do esquema filético, é o que Zubiri chamou de convivência. Fato esse que se encontra constitutivamente na base da sociedade humana. Mas postula nosso pensador que há duas formas de versão dos homens entre si. Pode se estar vertido ao outro enquanto outro, nessa caso caracteriza-se uma convivência impessoal. “O impessoal é um caráter pessoal. Se convive impessoalmente quando cada pessoa funciona só como outra. Isto é o estritamente constitutivo da sociedade humana” (FAYO, 1988, p. 188). Mas também podemos estar vertido ao outro enquanto pessoa para além de uma convivência impessoal, mas enquanto comunicação pessoal no interior de uma experiência comunitária, na qual cada um fica afetado pelo outro, onde também emerge a alteridade pessoal. Podemos então dizer que o Eu se constitui também a partir de uma experiência comunitária.

Zubiri ainda nos chamará a atenção para a dimensão histórica, que assenta em suas raízes biológicas, sem se reduzir a esta. A história não é consequência dos aspectos evolutivos do homem, a evolução procede por mutação, enquanto que a história por invenção, pela opção de uma forma de estar na realidade. O homem é essência aberta, suas formas de estar na realidade tem que ser necessariamente elaboradas [...] é tradição é ‘entrega’. Porém a tradição para poder ser constituinte está fundada na forma de realidade que se recebeu dos progenitores: é continuante. Se assim não fosse, em cada individuo e em cada sociedade a história começaria do zero, quer dizer, não teria história” (ZUBIRI, 1984, p. 70)

Então a realidade sempre nos dá formas de estar na realidade, mas elas são apenas possibilidades, poderão ser aceitas ou recusadas. A história que é sempre processual nunca, como assevera Zubiri, se assenta em si mesma, mas tem a realidade humana em sua base.

Vimos como a realidade humana se constitui e como e vai se formando o homem, com sua realidade relativamente absoluta, e isso se forma na ação, é nela que sua suidade se faz, na sua relação com¹⁰ as coisas e com o outro na realidade. Mas Zubiri distingue alguns tipos de ação. Primeiro podemos considerar o homem como agente delas. Ele está por inteiro naquilo que realiza, enquanto substantividade, ainda que possa ter domínio de alguma nota sobre a outra. Enquanto agente dos seus atos ele se apoia em suas potências e faculdades (ZUBIRI, 1984, p. 77). Mas há um outro aspecto a ser ressaltado, ele não parte do nada, do vazio, pois encontra-se sempre situado em um contexto, com tudo aquilo que lhe serve de base para o seu “se fazer”, inclusive tem que se apropriar de um legado que lhe é necessário. Assim sendo o homem repete as receitas herdadas do passado, e com isso, no entender do pensador basco, torna-se um personagem da sua própria vida. Por outro lado ele é o autor de suas ações, tem que fazer sua opção diante das possibilidades possíveis de sua própria realidade, sempre ancorado nas coisas e implantado na realidade, que é muito mais do que as coisas particulares.

A realidade e deidade

O homem é aquele que se faz, mas o que ele faz é seu, é suidade, a realidade permite isso a ele, que é parte dela mesma. Mas como a realidade apresenta a inteligência senciente no entender do nosso pensador? A realidade é o apoio absoluto para que o homem possa construir o seu ser, mas a relação deste com ela se dá de forma experiencial. O homem aprende a realidade, enquanto algo de suyo, primeiramente como ultimidade, instância fundamental para ele. O homem nada pode fora da realidade que lhe dá o impulso necessário para poder fazer-se. Outro momento da realidade é o de ser possibilitante. Em outras palavras, ela é a possibilidade de todas as possibilidades. Contudo a mesma não apenas tem esse caráter essencial, ela também arrasta o homem, para que ele possa se fazer. Nas palavras de Zubiri ela é impelente. Não há como escapar dessa imposição, que é por sua vez a condição do homem realizar sua liberdade. Se por um lado eu sou levado por essa força, é preciso pontuar que ela não apenas é externa ao

¹⁰ “Este *com* com que o homem faz sua vida pertence formalmente a estrutura mesma da vida humana. Não se trata de que haja vida, e ademais, coisas as quais a vida se refere, mas sim que a vida envolve formamente e por si mesma, o caráter de *com*. É a vida *com* as coisas, *com* os demais homens, consigo mesma” (ZUBIRI, 1993, p. 32)

homem, ela é ao mesmo tempo aquilo que ele tem mais íntimo, colocando em movimento a ação de realização do seu ser. A realidade enquanto unidade desses momentos se constitui na fundamentalidade do real.

Deve-se não perder de vista que o homem, uma vez que se encontra instalado na realidade, sofre as determinações que a mesma lhe submete, postulada por Zubiri, como dominação. Trata-se de uma dominação física, ou seja, um fato físico do qual não temos como nos livrar; sofreremos inapelavelmente um domínio. Claro está para Zubiri que esse domínio se dá mediante as coisas reais, mas ele é muito mais que elas, sem que alguma maneira lhe escape. Esse fato apreendido na anterioridade de qualquer atividade reflexiva o autor denominou poder. A realidade enquanto tal fundamenta a realidade pessoal, e ao mesmo tempo exerce sobre ela um poder, o poder do real ou da deidade¹¹, que se apoderando do homem o faz ser aquilo que ele deve ser.

No apoderamento o homem está implantado no real, por um lado ele está preso a esse impulso vital, por outro encontra-se solto em relação àquilo que se impõe de maneira absoluta. De qualquer forma estamos ligados ao poder do real, a isto ele denominou religação¹². Postula Zubiri que a religação é um fato constatável e que afeta a vida do homem como um todo, pois ela é propriamente a raiz da pessoa. A religação é um conceito fundamental na filosofia da religião do autor espanhol. Segundo suas convicções a religação pode ser visto sob três aspectos: primeiro ela é possuidora de um caráter experimental. Não no sentido do experimentalismo científico, mas no de uma aprovação. É uma “aprovação física da realidade” (ZUBIRI, 1984, p. 95). Ao se fazer e se atualizar o homem vai provando esse poder que emerge da multiplicidade de possibilidades de realização que ele tem. Vai experimentando a deidade nas iniciativas que vai tendo, tanto individual, como social e historicamente.

Ainda advogará Zubiri que a religação é manifestativa, à medida que é manifestação do poder do real. A realidade enquanto tal é dinâmica e está em permanente atualização do real em suas notas. Atualização e manifestação são parte de uma mesma dinâmica da deidade e consequentemente da realidade. Contudo, o poder do real, no que diz respeito ao homem, apresenta-se sempre de forma enigmática, na religação esse caráter está impresso. Para Zubiri o enigma é “um modo de significar o real, não declarando o que é, mas apenas indicando significativamente” (ZUBIRI, 1984, p.960). A realidade se manifesta como um enigma e certamente isso reflete no homem, que é um ser de realidade. As coisas reais a um momento é o que se apresenta, mas também há um momento de realidade que é a coisa real, mas ele não esgota no que se apresenta, há algo mais presente em qualquer coisa real, mas sem escapar a ela. A realidade enquanto tal é mais que qualquer coisa real, mas os dois momentos estão intimamente ligados. Claro fica que a realidade, apresentando-se de forma enigmática, obviamente se constitui um problema para o próprio homem no seu processo de realização.

Por estar religado ao poder do real, e estar marcado por esse enigma¹³ em função de sua religação, o homem enquanto realidade é inquieto. Uma inquietude que se apresenta dramática da qual não há como escapar, pois ela lhe é constitutiva ou intrínseca. Daí a situação perene do homem de indagação quanto ao seu futuro, com base no que é, não pode ter controle ou

¹¹ “A deidade não é nada distinto do mundo e das coisas reais. Porém é essa condição que as coisas reais tem, pelo fato de serem reais, de ter o domínio de uma sobre as outras, e todas elas sobre o homem, e o homem sobre as demais coisas: é a realidade em sua condição de poder [...] Este poder do real não é algo que flutua sobre as coisas. Não é um caráter a mais. Isto que chamamos deidade está inscrito nas coisas, pelo que elas são de reais” (ZUBIRI, 1933, p. 44).

¹² “Religação é a realidade apoderando-se de mim. Esta religação não é um vínculo material, mas sim mera dominância do apoderamento do real que de mim se apoderou. A religação com efeito, é primariamente algo não conceptivo, mas físico” (ZUBIRI, 1984, p. 109).

¹³ Ainda sobre enigma, arrolará o pensador basco: “ Enigma não nenhuma metáfora, nem nenhuma expressão que designe algo que seja constitutivamente obscuro; enigma significa tematicamente condição que as coisas tem enquanto inside nelas esse caráter de realidade como poder: poder da deidade. Este enigma plantea, por conseguinte, o problema do fundamento [...] Esse fundamento que, inegavelmente, pertence a realidade, e que não é a deidade, mas precisamente o fundamento da deidade das coisas, é o que chamarei Deus ou divindade” (ZUBIRI, 1993, p. 62).

visibilidade sobre o que será, pois há um poder que lhe ultrapassa e lhe impulsiona para o que ele não sabe o que será. Essa inquietude metafísica, segundo Zubiri, pode ser vivida pelo homem de variadas formas. Ele pode deslizar, ou procurar se escorregar em relação ao problema, mas esta é uma forma possível de enfrentar a inquietude. A angústia é outra forma de inquietude, assim como, a preocupação e a ocupação.

Além da inquietude, decorrente da situação enigmática que envolve a realidade, Zubiri chamará a atenção para o fenômeno conhecido como “voz da consciência”, mas a partir de uma nova forma de compreendê-la, articulada ao seu pensamento como um todo. A “voz da consciência” é algo inegável e presente na vida do homem, diz ao mesmo o que ele deve ou não fazer, é uma intelecção senciente. Nela, a coisa sonora e é aprendida como de suyo, é uma voz que notifica e que lança o homem para o poder do real na realização de sua realidade, contando ele com sua vontade, ou nas palavras de Zubiri, com sua volição senciente, que o leva a escolher a forma que ele deve assumir em sua maneira própria de realidade, que entre as muitas possibilidades deve ser sempre fundamentada. Se o enigma está presente no poder do real, e por consequência no homem pela religação, a busca de fundamentação impõe o homem como necessidade que o orienta naquilo que ele vai fazer de si, o que sempre implica por sua vez, a busca de verdade com base em uma vontade que o impulsiona. A “busca de um verdade real” é condição para o homem fazer sua escolha em meio às solicitações das coisas reais, ou das possibilidades por elas lançadas, em uma realidade incerta. Ele precisa de apoio, não apenas das coisas, mas de um fundamento no qual possa se ancorar para se lançar. Se estamos corretos em nossas interpretações a esta busca, Zubiri chamou experiência teologal, não teológico. A segunda pressupõe a primeira, a teologia emerge com base nessa experiência essencial do homem com o poder do real.

O homem vai fazendo e realizando sua vida pessoal em suas próprias ações. Nelas adquire o seu ser relativamente absoluto, porém o adquire apoiado e fundado na realidade. O fundamento é algo último, possibilitante e impelente na realidade humana. É uma realidade fundamento que domina e se apodera do homem. Esse apoderamento que acontece ligando a realidade humana para que seja relativamente absoluto é a religação. A religação é um fato constatável, radical e total na mesma realidade humana e tem ademais um caráter experimental, manifestativo e problemático. O problematismo da fundamentalidade se coloca em relevo na inquietude humana, na voz da consciência e na vontade de verdade real e na busca de seu fundamento (GRACIA, 2006, p.87).

As vias de acesso a Deus

A via da religação é a que Zubiri usará para tratar de Deus. Religação é um termo que expressa um fato inegável para o autor, tal expressão aparece pela primeira vez em um artigo que ele entrega a Julian Mariás para publicar na Revista de Occidente, pouco antes de uma viagem para a Itália em 1935, intitulado Em torno do problema de Deus (COROMINAS, VICENS, 2006, p. 332). Até então no universo filosófico Deus tinha sido tratado basicamente por duas vias, a cosmológica e a antropológica. O ponto de partida da primeira é a natureza, o cosmo e tudo que dele faz parte, a res naturalis, são referências básicas para se chegar a Deus. O homem seria, nessa perspectiva, considerado como parte da realidade cósmica, no interior de um sistema explicativo que encontraria em Tomás de Aquino o seu ápice. São por demais conhecidas as cinco vias indicadas pelo Dr. Angélico, para se demonstrar racionalmente a existência de Deus, e que são expostas por Zubiri, como forma de contextualizar a sua forma de conceber Deus. As vias são as do movimento, da causalidade, da necessidade, da perfeição, e por último, a da finalidade¹⁴.

Nas observações críticas realizadas por Zubiri, em seu livro *Hombre y Dios*, um dos limites dessa posição é que ela não parte dos fatos, ainda que naturais. O que há é uma interpretação metafísica dos acontecimentos sensíveis. Por exemplo, não se parte do movimento

¹⁴ Cf. ZUBIRI, 1984, p. 118-123).

enquanto fato real, o que se diz dele é pura especulação. Além do mais a visão que se tem do homem, quando o equipara a qualquer outro fato cósmico é reducionista. Não se leva em conta a singularidade específica do homem enquanto ser de realidade, em relação às demais existências da natureza. Por último, advoga Zubiri que mesmo que se levasse em conta o ponto de partida dessa via, ela em seu desdobramento reflexivo não nos levaria Deus.

Em relação à segunda via, a antropológica, em sua pluralidade de posições, ele também não deixa de apontar os limites, posicionando-se contrário às elaborações de Agostinho, Kant, Schleiermacher. Em suas formulações esses autores ressaltarão em suas convicções os aspectos da inteligência, da vontade e do sentimento, como caminho para Deus. Embora esses componentes estejam presentes na vida humana, o homem não é considerado de uma forma total ou integral. Após a sua minuciosa análise ele chegará à conclusão de que as duas posições caminham, por um lado, em uma absolutização do cosmo, na qual o homem perde sua riqueza por ser considerado simples *res naturalis*, ou então, o mesmo é desvinculado por completo do cosmo, para ser considerado “em si e por si” (ZUBIRI, 1984). A insuficiência dessas tradições de pensar impõe a Zubiri o labor de uma nova vereda na qual o homem, o cosmo e Deus, estarão entrelaçados desde um novo horizonte, que no seu entender, atualizaria, ou em outras palavras, poderia evidenciar a realidade de Deus, ao mesmo tempo que poderia esclarecer todo o esforço humano realizado até então de pensar a realidade divina.

É importante ressaltar um postulado importantíssimo do pensador espanhol: o homem na anterioridade de sua racionalidade é um ser que primordialmente experimenta a realidade que o envolve, que a saboreia em sua apreensão do mundo; é da provação e da degustação que suas ideias vão brotando, inclusive, as que dizem respeito a Deus. É na realização da atividade intelectual senciante que o homem vai apreendendo de forma impressiva o meio que o circunda, no processo mesmo em que ele se faz, com as coisas e os outros homens; impulsionado ou apoderado pelo poder do real, ou deidade, ao qual o homem está religado de forma intrínseca ou ontológica.

É indiscutível que a realidade tem uma grande capacidade para nos envolver e possuir. Tal capacidade – refira-se –, que não é independente das propriedades que a realidade ostenta, recebe o nome de condição, em virtude da qual a realidade pode ser dominante para a pessoa. A última instância desta dominância é a deidade, que não é nada distinta do mundo e das coisas reais, sendo, antes, a condição que as coisas patenteiam pelo fato de serem reais, de terem domínio uma sobre as outras, todas elas sobre o homem e o homem sobre as coisas” (TEIXEIRA, 2007, p. 242).

Com este poder, o homem se enfrenta, não há como fugir, não se trata de uma teoria, mas de um fato, de algo concreto que a inteligência apreende de forma transcendente na totalidade que abarca toda realidade. A deidade para Zubiri (1984, p. 89-9), enquanto algo de seu, com sua poderosidade arrebatadora, é apreendida pelo homem na pluralidade de suas manifestações, que pode aparecer com “poder do alto”, “o do tempo como medida da vida da realidade”, “o da separação das formas”, “o da germinação da realidade”, “da organização, sobretudo da vida”, “o do futuro”, “poder intelectual do homem”, o que decide sobre a vida e a morte, o que dirige a vida social, “o que define o destino, a justiça e a estrutura como moral do universo”, “o sacralizante”, “o perdurante”, etc. Esta manifestação da deidade, não se alcança mediante demonstração, mas ela é mostração, que se dá na religação. Assim o homem não vai apenas perfilando a sua vida com as coisas, mas com esse poder que é fundante da sua própria vida, é ultimidade.

É preciso assinalar, com Moreno (2012), que a religação enquanto fato real que nos liga ao poder do real, esboça o problema de Deus. O que se torna presente na religação mediante o apoderamento vivenciado, é a deidade. Em outras palavras, a deidade é o ponto de partida para a intelecção de Deus¹⁵, somos assim colocados em uma busca, para além da apreensão do poder do real, na tentativa de esclarecer o que é o poder do real, qual é o seu fundamento. Justamente

¹⁵ O que entende Zubiri por Deus? “Sem compromisso ulterior, o que designamos pelo vocábulo Deus, é aquilo a que estamos religados em nosso ser inteiro... Por sua ligação o homem se vê forçado a pôr em jogo a sua razão para precisar e justificar a índole de Deus como realidade” (ZUBIRI, 2010, p. 375).

em função disso a “religação não nos coloca diante de uma realidade precisa de Deus¹⁶, mas nos instala no âmbito da deidade, a qual se nos apresenta como fundante. Por isso o atributo primeiro que descobrimos da divindade é a fundamentalidade” (ZUBIRI, 1984, p. 375).

A religação é um fato apreendido mediante a intelecção, nela somos apoderados pelo poder do real que nos força a realizar a realidade que devemos ser, coisa antes dita. Não nos encontramos simplesmente lançados na realidade, estamos atados ao poder do real, que para Zubiri, poderá nos levar à plenitude de nossas possibilidades. Mas uma vez apreendida a deidade, somos empurrados para um momento posterior, no qual deveremos esclarecer o que seja o fundamento daquilo no qual nos encontramos atados e apoderados, trata-se de uma marcha na qual a razão trabalha na busca de explicação e de atualização do momento da apreensão primeira.

a marcha não é marcha por ser intelectual, mas sim a intelecção é o momento do esclarecimento da marcha real e física em que o homem está marchando pelo poder do real. É pois uma marcha real intelectual. A religação problemática é assim eo ipso uma marcha real intelectual desde o poder do real ‘para’ seu intrínseco fundamento: tem aqui justamente o problema de Deus enquanto problema de ultimidade do real enquanto tal (ZUBIRI, 1984, p. 375).

No importante artigo de Zubiri Em torno do problema de Deus, a questão do fundamento do poder do real, ainda não é colocado, pois sua pretensão não era abordar a questão de Deus, mas unicamente explicitar o horizonte a partir do qual o problema de Deus é colocado, ele se ateu à religação e ao seu caráter de constituição do homem. Em Introdução ao problema de Deus, ele dá um passo a frente. Evidenciará a descoberta que a inteligência vai realizando de Deus, tendo como base três momentos subsequentes: deidade, a realidade divina e Deus. Posteriormente, com melhor explicitamento da dimensão teologal do homem, após meados da década de 1960, ele poderá tornar mais claro a questão do fundamento finalizando-o.

A religação – enquanto experiência intrínseca do homem na sua relação com o poder do real, que por sua vez está fundado em Deus – se apresenta como fontalidade de toda realidade e que pode ser experimentada pelo homem. Em Problema teologal do homem, os momentos da realização do homem enquanto pessoa¹⁷, passa pela religação (como marcha intelectual desde o poder do real para o seu intrínseco fundamento), o descobrimento de Deus na marcha intelectual da religação é finalmente a experiência de Deus (MORENO, 2012, p,74). Esses momentos não apenas são ordenados em uma sequência. É importante frisar que cada um fundamenta o subsequente, desde uma unidade que lhe é intrínseca. É a partir daqui que se pode falar de uma dimensão teologal do homem, na qual o homem vai se fazendo mediante sua experiência teologal (Zubiri, 1984,p. 397).

A busca de esclarecimento do fundamento ao qual estamos religados é, no dizer de Zubiri, uma explanação intelectual, e que certamente implica um trabalho da razão. De uma razão que Diego Gracia denominou teológica, distinta daquela científica, uma razão que busca a intelecção da experiência vivida da religação. Nessa experiência o homem encontrou-se com um fundamento que lhe permitiu fazer-se, que o impulsionou na sua realização. A realização não ocorreu com as forças do eu, pois na verdade esse é desprovido de qualquer potencialidade, é uma aquisição, que depende do poder do real. O fundamento é um fato que está dado na impressão, o que se impõe é saber quem é este fundamento. Ele foi provado nos atos mediante aos quais pudemos nos construir enquanto pessoa, mas quem é ele? Esta busca não ocorre de forma arbitrária ou no vazio, mas se assenta em algo prévio: as coisas reais com as quais o homem está implantado na realidade.

Contudo, essa busca é movida pela vontade de verdade que se apresenta a partir da experiência vivida, como algo vital e dramático para o próprio homem. Assim a caminhada para

¹⁶ Aqui, Zubiri emprega o termo Deus para designar algo anterior ao sentido dado pelas religiões positivas. “Designo aqui por Deus justamente a aquele momento da realidade – que de uma ou de outra forma se terá de averiguar – em virtude da qual a realidade enquanto tal essa condição que transparece e se atualiza na religação como poder da deidade” (ZUBIRI, 1993, p. 62).

¹⁷ Julgo importante distinguir pessoa de personalidade. “O homem que é sempre o mesmo como personalidade, não é nunca o mesmo como forma e figura do ser. Esta forma e figura do ser é justamente o que deve chamar-se personalidade. A personalidade não é um conceito primariamente psicológico, é antes de tudo, e sobretudo, um conceito entitativo. É a forma e figura do ser que no ato segundo vai adquirindo a realidade substantiva no exercício dos seus atos” (ZUBIRI, 1993, p. 35).

o fundamento não se coloca como especulação abstrata centrada em uma lógica que nos diz o que é Deus, tal como ocorreu anteriormente mediante um processo de demonstração lógica, ou entificação do divino. Essa lógica levou-nos a um ente supremo, a realidade divina foi reduzida a um objeto. Para Zubiri, o que se busca não é uma realidade objeto, mas uma realidade fundamento. Há uma vontade de verdade, que busca o fundamento do poder do real ao qual estamos ligados. A religação como vimos se dá na apreensão, é uma experiência senciente, e ela, como nos diz Diego Gracia dá o que pensar, coloca razão em movimento, a trabalhar a partir da referência anterior, que é a religação. A razão estabelece um esboço do que pode ser a coisa, ou Deus; para logo voltar à experiência, prova física da realidade, como atualização da apreensão inicial. Dirá Diego Gracia,

A religação se me atualiza como “real” na apreensão primordial, e o logo a afirma como tal. Porém ela mesma me lança desde apreensão além dela mesma, na busca da realidade de Deus. Portanto, quando se diz que não estamos lançados desde a realidade para o fundamento, o que primariamente quer significar é que a religação nos lança desde a realidade dada em impressão para o fundamento da realidade, quer dizer para a realidade além da apreensão [...] O objeto da razão é a busca do fundamento da realidade para além da apreensão (GRACIA, 2008, p. 218). Assim chegamos ao fundamento não de forma direta, mas mediante uma marcha, que tem seu ponto de partida na apreensão primeira. Dessa forma, Deus se constitui um problema para o homem, pois somente ao final da marcha se chega a algum conhecimento do mesmo através de uma atividade pensante.

O problema de Deus

A apreensão primeira nos leva a pensar, trata-se de um distanciamento da apreensão, porém sem sair dela, mas motivado e impulsionado por ela somos levados a conhecer o que foi apreendido antes. Este distanciamento é uma via que tem seu ponto de partida na religação. Nessa via, percorrida pela inteligência enquanto razão, nos defrontamos com muitas possibilidades, inclusive a dos possíveis desvios, quando se perde a realidade das coisas, por exemplo. Em *Inteligência Senciente*¹⁸, fica muito claro que uma coisa é a apreensão primordial, o ponto de partida, outros são momentos subsequentes da busca, na ação do logos e da razão. A razão é, para Zubiri, sempre uma busca em profundidade, o que implica precisão e medição, na procura do fundamento da realidade, seja lá qual for o que se investiga, inclusive de Deus. Distancia-se aqui Zubiri da tradição filosófica que sempre colocou a razão na perseguição da coisa, do objeto, ele trata de inquirir sobre o fundamento, aquele que coloca o objeto. Trata-se sempre de uma atualização desde um fundo da realidade fundamento. Para Gracia, “não tem oposição entre realidade-objeto e realidade-fundamento, pelo contrário elas se complementam: a fundamentalidade abre a objetualidade” (GRACIA, 2008, p. 220).

Mas como tratarmos de Deus, à luz dessas considerações? Para Zubiri um dos problemas sérios da tradição filosófica no que diz respeito a Deus, foi tratá-lo por uma via epistemológica deficiente, como vimos, que desembocou em uma realidade-objeto, em vez de buscá-lo desde uma realidade-fundamento, que tenha como referência fundamental a experiência da religação. Daí que a sua perseguição se desenvolve por vias especulativas, não considerando o que de vital tinha nessa busca: a construção de minha realidade humana.

Deus não pode ser concebido com um objeto, algo que se encontra à minha frente, e sobre o qual eu possa dizer o que é, mas uma realidade que é “si e por si”, e por isso mesmo posso tê-la como fundamento. Nas palavras de Zubiri, ele “não está na frente de mim, mas sim que acontece em mim. Está presente religando-me ao poder do real” (ZUBIRI, p. 231). Pois bem, a busca desse fundamento, trabalho da razão, é sempre dinâmica em sua atividade e provisória em seus resultados. As verdades alcançadas não são definitivas, podem ser superadas (ZUBIRI, 2011). Como não se impõe de forma definitiva, os resultados da razão sempre se constitui em problema. Na sua busca de atualização ele nunca chega a um ponto conclusivo. Após a religação que é um fato, a razão caminha de forma sempre problemática para o conhecimento do fundamento. “A religação não é um problema; Deus sim” (GRACIA, 2008, p. 222).

¹⁸ Cf. ZUBIRI, 2011, p. 17-104.

O conhecimento de Deus que a razão estabelece, inicia-se com a religação, é a referência, que faz parte do método empregado por Zubiri. Em seguida se estabelece o esboço intelectual, uma construção, criação livre da razão, postulação. É o pensar religioso¹⁹. Primeiro se postula Deus, como realidade absolutamente absoluta que está a fundamentar a minha realidade que é relativamente absoluta. Não se trata de conclusões provisórias arbitrarias, são possíveis de serem experimentadas nas convicções de Zubiri.

Uma vez que se chega a uma realidade absolutamente absoluta, na sequência Zubiri postula que se trata de uma realidade absolutamente sua, portanto é pessoa, entendida como algo em si e por si que se apresenta como fundamento das coisas reais. Deus assim está nas coisas, como fonte delas, mas transcendendo-as. Pela via que ele segue, o esboçar é apenas um momento, ela implica sempre um experimentar. A realidade-fundamento, ou seja, Deus, uma vez esboçada, tem que passar pela experiência²⁰, é uma exigência do método, o esboço poderá ser corroborado ou não. A experiência é uma “provação física da realidade” (ZUBIRI, 1985, p. 95).

Deus é esboçado como uma realidade pessoal, Zubiri não identifica o termo como a ideia corrente que temos da palavra. Ao falar de pessoas estamos nos referindo a uma realidade que existe em si e por si. Por isso, está fora dessa realidade a experiência de comprovação ou de experimento, mas sim de compenetração e conformação. Como nos assevera Gracia, para a compenetração é necessário pelo menos duas pessoas, o que poderia trazer dificuldade, já que Deus é transcendente. Para se solucionar a incongruência se retorna à religação enquanto referência, na busca de ampliação do esboço. Pois bem, postula-se então que Deus não é transcendente das coisas, mas nas coisas, assim sendo elas são presenças de Deus, elas tornam-se doação de Deus. Deus enquanto doação está presente na religação, com o poder do real enquanto ultimidade, possibilidade e impelência. “Uma vez construído o esboço, ao retornar à realidade desde ele, vemos que o poder do real não é outra coisa que Deus transcendente nas coisas, presentes nelas, de um modo que agora reassumimos os fatos da religação em um novo nível, como experiência de Deus” (GRACIA, 2008, p. 230). A religação que antes era um fato, anterior à experiência, torna-se experiência desde Deus.

Contudo, a experiência de Deus também é interpessoal, pois trataria na inteligência humana de um encontro entre duas realidades pessoais, Deus e o homem²¹. Há uma tensão na qual o fundante torna absoluto o fundado. Assim não apenas as coisas, o próprio homem é doação absoluta de Deus. Esta experiência abre o caminho para o homem realizar a sua doação a Deus, ou seja, sua entrega plena à realidade suprema. O homem responde de forma positiva à doação de Deus. Primeiro Deus se doa, em seguida o homem, por decisão pessoal vai ao encontro dele, vivenciando aí a experiência da compenetração, que implica sempre a presença de duas pessoas.

O momento da entrega do homem a Deus

A entrega do homem a Deus, como nos afirma Teixeira, é algo extrínseco, ou seja, Deus é uma realidade ao qual o homem decide se deve se entregar ou não. Ele é acessível nas coisas nas quais se encontra presente de forma transcendente. O homem enquanto tal não se faz sem as coisas, vai até elas pelo apoderamento do real que lhe permite a constituição do seu Eu. Esse

¹⁹ Não se trata de um pensar sobre uma situação religiosa, mas sim desde uma situação religiosa [...] É um pensar – se me permite a expressão - religacional porque consiste em pensar transitando desde o poder do real, que é parte formal e termo formal da religação, a um termo distinto, que é a realidade absolutamente absoluta sobre o qual este poder está fundado [...] E precisamente aqui é onde aparece a longo da história as distintas divindades” (ZUBIRI, 1993, p. 128-129).

²⁰ O tipo de experiência depende da realidade que está sendo analisada. “Nas realidades não humanas a experiência toma a forma de *experimento*; nas realidades humanas as experiências se conseguem por *compenetração*; nos entes matemáticos por *comprovação*; e por último, a experiência cursiva da própria pessoa é o que Zubiri chama *conformação*” (GRACIA, 2008, p. 229).

²¹ “O homem, efetivamente, é pessoa. Daí que a maneira de estar presente Deus ao homem é precisamente a maneira de algo que se tem chamando analogicamente o caráter pessoal da realidade divina, está presente ao homem na forma de pessoa. É o segundo conceito que expõe a acessibilidade do homem a Deus. A presença radical e última da divindade no fundo do homem, é presença que se pode chamar de relação de pessoa a pessoa, é presença interpessoal” (ZUBIRI, 1983, p. 70-71).

poder é presença de Deus nas coisas. Ser levado pelo poder citado, equivale a ser arrastado por Deus, que é seu fundamento, fazendo com que o Eu possa transcender e se atualizar. Nesse movimento somos levados por ele, enquanto transcendente na coisas as quais temos acesso²². Mas há um outro movimento, no qual o homem se entrega de forma positiva e plena a Deus. “À ação doante da realidade por parte de Deus responde ao homem com uma ação positiva na qual a pessoa não é levada a Deus, mas em que a pessoa aceita, desde si mesma, este seu ser levado de um modo ativo e positivo” (ZUBIRI, 1984, p. 198).

A entrega a Deus como realidade-fundamento passa por vários momentos, mas sempre em conexão com a religião. Dissemos anteriormente que o poder do real é ultimidade, possibilitante, e impelência. Pois bem, na entrega, o primeiro se apresenta como acatamento. Trata-se primeiramente de um reconhecimento daquele que é relativamente absoluto, face aquele que é absolutamente absoluto. Aqui se encontra a base da adoração, que só pode ocorrer diante de uma realidade suprema, em relação à qual praticamente desaparecemos. Dirá Zubiri: Adorar é acatar a plenitude insondável de Deus [...] Indo às coisas reais, o homem se inclina ante a realidade das coisas e nelas acata Deus pessoalmente transcendente. A doação da realidade corresponde ao homem com o acatamento ao doador: é a essência da oração” (ZUBIRI, 1984, p. 199).

O próximo momento da entrega ocorre diante de Deus como supremo possibilitante. Nele, a entrega acontece como súplica, portanto, estamos diante da oração. E o que é a oração para Zubiri? não é formalmente um formulário; é uma entrega suplicante da mente de Deus. Pode chamar oração também de adoração; porém prefiro reservar o vocábulo para os atos de súplicas. O homem suplica a Deus nas coisas e com as coisas. Não deixa de lado as coisas para ir a Deus, mas sim é nas coisas mesmas, com toda sua riqueza e com toas as suas dificuldades onde o homem se entrega em súplica a Deus para que funda nelas as possibilidades que lhe sejam favoráveis” (ZUBIRI, 1984, p.200).

A entrega, por último, se dá como base na experiência da impelência presente na religião, mas agora enquanto impelência suprema que é Deus. Nela o homem vive Deus como seu repouso e fortaleza e apoio necessário, ou em outras palavras como refúgio. Dirá Zubiri (1984, p. 200) que, “deste refúgio deriva inexoravelmente a ajuda para atuar. Porém isto é algo derivado: o primário é a entrega a Deus como refúgio de meu ser”, na vida religiosa pessoal. A vida religiosa sempre implica, como indicamos atitude, distinta das muitas que tomamos em nossa vida.

A atitude religiosa não é uma atitude a mais na vida, mas é uma atitude radical e fundamental com que se podem viver todos os fatos e processos da vida. E somente neste sentido podemos dizer que toda religião se plasma em religião. A religião consiste em viver todos os atos da vida dentro da dimensão de entrega à divindade, em uma fé” (ZUBIRI, 1993, p. 111).

Essa é uma das marcas essenciais presentes no homem de fé, que realizou a sua entre à divindade, seja lá em qual religião positiva for.

Conclusão

Na tentativa de esclarecer a reflexão realizada, destaquemos os pontos que julgamos essenciais. Partimos de uma descrição do próprio homem enquanto substantividade. Ele é constituído por um sistema de notas respectivas que o torna uma realidade própria e peculiar, participante de uma determinada espécie. Enquanto tal ele vive, sente e é possuidor de inteligência. O sentir e o entender leva o homem, através da impressão, a apreender algo de suyo, a realidade, diferentemente dos demais animais que ficam em seu sentir apenas na estimulidade, antes mesmo de qualquer atividade racional. Como essência aberta, o homem é um ser que faz sua realidade. Ele não apenas é uma realidade humana, mas ele se faz a si mesmo, a partir da sua relação com o mundo. O homem enquanto pessoa que se tem, é suidade, mas sempre se

²² Um esclarecimento importante: “Deus é acessível ao homem precisa e formalmente porque o homem é pessoa. Para evitar todo antropomorfismo, ao falar da realidade pessoal de Deus eu insistia em que isto não significa que Deus seja uma espécie de espírito subjacente a toda coisa real: significa tão só que Deus é absolutamente seu, é ‘suidade’ absoluta. E por sê-lo é intrinsecamente acessível a toda pessoa” (ZUBIRI, 1984,p. 187).

fazendo, nunca pronto e acabado. Contudo, a sua realização ocorre impulsionado pelo poder do real, que é ultimidade, possibilidade e impelência ao qual ele está religado. A religação é um fato vivido por todos, nela não estamos lançados, mas atados ao poder do real ou deidade, pelo qual somos apoderados e arrastados. Nele nos fazemos, mediante as escolhas que vamos fazendo em nossas vidas. Desse modo, o poder do real se apresenta como algo que nos funda, é o nosso fundamento na realidade. Apreendemos isso de forma senciante, há uma intelecção desse fato, uma apreensão primordial, embora não sejamos capazes de nomear e de explicar o que seja esse poder que nos envolve e que se encontra nas coisas mesmo, por aquilo que elas tem de suyo, e nos afeta. Também nos apreendemos como seres relativamente absolutos.

A religação, via de acesso a Deus, coloca-se como uma referência a partir da qual mobilizamos a razão na busca de explicação. Surge então um esboço, ou seja, uma explicação provisória do que seja aquilo que de nós se apodera, assim o homem vai estabelecendo as ideias de Deus. Mas não só estabelece ideias atualizadoras da deidade, essas são em seguida experimentadas em nossa participação no poder do real. No processo mesmo que nos construímos, sempre na busca de clarificar o fundamento sobre o que nos assentamos, podemos aprovar ou não as ideias estabelecidas. O primeiro esboço postulado é o Deus enquanto realidade absolutamente absoluta. Em seguida experimentamos a religação desde a ideia estabelecida. Assim vamos caminhando na busca do fundamento. Outras ideias vão surgindo, como atividade da razão na busca de fundamento, e sendo experienciada: Deus como doação, como pessoa, inteligência, etc. O homem chega à experiência de Deus como doação absoluta, o que eleva o homem também a uma entrega à realidade suprema, que passa por vários momentos: o acatamento diante da ultimidade de Deus, que leva o homem à adoração; a súplica diante de Deus, possibilidade de todas as possibilidades; à impelência de Deus, o homem responde como refúgio, como fortaleza necessária. Essa entrega absoluta do homem acontece no âmbito da própria fé. Finalizando, é com base na experiência primordial do poder do real, que as várias concepções e experiências de Deus acontecem, assim como a diversidade de religiões positivas que surgem no tempo e na história, com suas características próprias, mas sempre assentadas em uma mesma base: a experiência da religação ao poder do real.

Bibliografia

- CESCON, Everaldo. O problema de Deus e seu acesso e a experiência de Deus. In: Teología y Vida. Universidad Católica de Chile. Vol. XLIV, 2003, p. 373-394.
- COROMINAS, Jordi; VICENS, J. A. Xavier Zubiri. La soledad sonora. Madri: Taurus, 2006.
- GARCÍA, Hugo Caín Gudiel. La fe según Xavier Zubiri. Una aproximación al tema desde La perspectiva del problema teológico Del hombre. Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana. 2006.
- GRACIA, Diego. Voluntad de verdad. Madri: Triacastela, 2008.
- MORENO, Juan Pablo Moreno. La marcha Del hombre a Dios em Zubiri. La via de la Religião. Saarbrücken: Editorial Académica Española, 2012.
- ORTEGA, Francisco. La teología de Xavier Zubiri. Sua contextualização em la teología contemporânea. Uelva: 2005.
- TEIXEIRA, João António Pinheiro. A finitude do infinito. O itinerário teológico do homem e Xavier Zubiri. Lisboa: Universidade Católica, 2007).
- ZUBIRI, Xavier. El hombre y Dios. Madri: Alianza, 1984.
- _____. Inteligencia sentiente. Madri: Editorial Tecnos, 2004
- _____. Inteligência e realidade. Rio de Janeiro: É Realizações, 2011.
- _____. El problema filosófico de la historia de las religiones. Madri: Alianza Editorial, 1993.
- ZUBIRI, Carmem Castro de. Sobre o pensar de Xavier Zubiri. In: Cuadernos de Pensamiento. Fundacion Universitária Española. Madri, 1987, p. 69-74